

TÉCNICAS DE ANOTAÇÃO NA INTERPRETAÇÃO CONSECUTIVA

Patrícia Carnavalli¹

Orientação: Mylene Queiroz

RESUMO

O presente artigo trata de uma revisão bibliográfica sobre as técnicas de anotação da interpretação consecutiva, (*note-taking*, em inglês), as quais são assuntos de alguns artigos e livros em outros idiomas. Contudo, a literatura nessa área é escassa em língua portuguesa. Portanto, esse artigo tem como objetivo mostrar a importância da tomada de notas na interpretação consecutiva e introduzir o tema na literatura brasileira, com a finalidade de ser fonte de pesquisa para os profissionais da área.

PALAVRAS-CHAVE: técnicas de interpretação, tomada de notas, interpretação consecutiva.

1 INTRODUÇÃO

A referência mais antiga relacionada aos intérpretes começa no Antigo Egito, uma vez que o trabalho deles foi mostrado em vários relevos – arte egípcia que ajudam a descrever situações, estilo de vida e níveis hierárquicos da época.

Nesse período, os intérpretes prestavam serviços no comércio, nas forças armadas, na administração e na vida religiosa. Os gregos e os romanos também fizeram uso do trabalho dos intérpretes, principalmente porque poucos deles se interessaram em aprender as línguas dos povos que haviam conquistado. Nos tempos medievais, a profissão do intérprete era muito valorizada, pois além do importante papel que desempenharam nas negociações internacionais em tempos de guerra, assim como em negociações de paz e em expedições comerciais, os

1 Tradutora e Intérprete pela União das Faculdades dos Grandes Lagos de São José do Rio Preto

intérpretes também foram vitais para a propagação do cristianismo. Com as grandes descobertas no exterior e para o desenvolvimento das relações comerciais a interpretação foi cada vez mais utilizada. (ADHOC, 2014)

A interpretação consecutiva (IC) é a interpretação realizada após uma pausa da fala do orador, pois o palestrante discursa durante um tempo indeterminado, faz uma pausa para que possa ser interpretado e depois retoma a sua fala. O tempo de fala do orador até a sua pausa não é estabelecido, então, o intérprete consecutivo toma notas enquanto o orador se pronuncia e depois ele se utiliza de suas anotações para transmitir a mensagem aos receptores. Diferentemente da interpretação simultânea (IS), que devido ao fato de ocorrer ao mesmo tempo da fala do orador, não há tempo de fazer uma tomada de nota como na interpretação consecutiva.

A época da Conferência de Paz de Paris e as reuniões da Liga das Nações, no final da Primeira Guerra Mundial, foram os momentos mais importantes da IC. O intérprete ouvia o orador sem pausas e tomava notas para depois reproduzir o discurso em outro idioma. A duração da interpretação, que ia de 20 minutos até uma hora ou mais, não interferia no desempenho do intérprete, o que causava grande admiração por parte da platéia. (PAGURA, 2010)

O primeiro modo de interpretação utilizado em reuniões internacionais foi a interpretação consecutiva. Os europeus Antoine Velleman, os irmãos André e Georges Kaminker, Paul Mantoux, JF Rozan, Major Le Bosquet, Georges Rabinovich e Georges Thorgevsky, entre outros, foram os pioneiros da IC. Jean Herbert, que tinha sido intérprete consecutivo nas conferências preparatórias para a Liga das Nações, recrutou o primeiro time de intérpretes para a primeira Assembléia Geral das Nações Unidas, realizada em Londres, em 1946. Sua equipe passou a trabalhar para as Nações Unidas, em Nova York, onde ele começou o primeiro programa de formação de intérpretes e tornou-se chefe do Serviço de Interpretação. (MOGGIO-ORTIS, 2008)

Os Intérpretes consecutivos estavam acostumados a estar entre os palestrantes e em uma posição de destaque, pois eles estavam perante a platéia. Ser colocado em uma cabine (como um intérprete simultâneo) poderia implicar em uma perda de prestígio. Embora a interpretação consecutiva tenha resistido à interpretação simultânea, no final dos anos 1940 já não foi possível impedir que este

se tornasse o método predominantemente utilizado nas reuniões dos principais órgãos das Nações Unidas. (MOGGIO-ORTIS, 2008)

Ao interpretar no modo consecutivo, o intérprete faz anotações para ajudar que a reformulação e a transmissão da mensagem sejam as mais fiéis possíveis do original. A tomada de notas nessa modalidade é uma técnica muito importante que auxilia na qualidade do trabalho do intérprete, uma vez que ela ajuda a poupar de diversas formas a memória do intérprete ao ter as informações anotadas conforme a fala do orador; desta forma, o intérprete não precisa depender apenas de sua memória para lembrar as informações e a sequência em que estas foram ditas.

Diversos autores defendem algumas particularidades das técnicas de tomada de notas na interpretação. Por exemplo, Herbert (1952) e Seleskovitch (1989) consideram que a anotação deve ser feita na língua-alvo, ou então Rozan (1956) e Matyssek (1989), que defendem a individualidade da anotação. Tais particularidades, diferenças e similaridade das técnicas de anotação na interpretação consecutiva são tema do presente artigo, o qual tem como objetivo contribuir para fonte de pesquisa na área de interpretação, principalmente em português, uma vez que nota-se a carência de artigos nesse idioma.

2 A INTERPRETAÇÃO CONSECUTIVA

A interpretação consecutiva e a interpretação simultânea se diferem em vários quesitos, como por exemplo, na exposição do intérprete perante o público, uma vez que o intérprete simultâneo realiza seu trabalho na cabine, que se localiza, a maioria das vezes atrás da platéia, enquanto o intérprete consecutivo faz seu trabalho em frente ao público. A tomada de notas, também, é uma diferença dessas duas modalidades, já que essa técnica é parte de todo o processo da IC, a fim de que o intérprete possa poupar um pouco a memória e possa transmitir a mensagem conforme a sequência do discurso original, enquanto na interpretação consecutiva ela tem função apenas de um auxílio rápido para confirmar termos e números com o concabino – intérprete que divide a cabine com outro intérprete. Na IC, o intérprete usa a prática de tomada de notas para ajudar sua memória a reproduzir o discurso falado.

Gile (2001) analisa as diferenças cognitivas de esforços realizados na interpretação consecutiva e na interpretação simultânea segundo a sua teoria do Modelo de Esforços, conforme ilustra o Quadro 1:

Quadro 1. Comparação dos esforços empreendidos na IC e na IS, segundo Gile (2001).

INTERPRETAÇÃO CONSECUTIVA	INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA
Esforço de Escuta	Esforço de Escuta
Esforço de Produção (notas)	
Esforço de Memória de Curto Prazo	Esforço de Memória de Curto Prazo
Fase de Reformulação	
Esforço de Leitura da Nota	Esforço de Produção (tradução/retour)
Esforço de Memória de Longo Prazo	
Esforço de Produção (tradução/retour)	

Os esforços que são realizados igualmente nas duas modalidades de interpretação são: Esforço de Escuta (ouvir e analisar o discurso de origem) e Esforço de Produção (produção de uma versão na língua-alvo do discurso). O Esforço de Memória de Curto Prazo, na interpretação simultânea, tem como função armazenar as informações recém recebidas do orador até que possa interpretá-las na língua-alvo; já na interpretação consecutiva, o intérprete armazena as informações que acaba de receber até que sejam anotadas. (GILE, 2001)

Na IC, no entanto, há a fase de reformulação do discurso e os esforços realizados são: Esforço de Leitura da Nota (decifrar as notas); Esforço de Memória de Longo Prazo (recuperação da informação retida na memória, interpretando-a no conteúdo da fala) e, enfim, o Esforço de Produção, o mesmo realizado na simultânea.

A reformulação da interpretação simultânea ocorre em paralelo ao processamento do que o intérprete continua escutando; ou seja, os esforços de escuta, processamento e produção ocorrem concomitantemente. Já na IC, o intérprete emprega os esforços de escuta e produção de notas, mas realiza a produção sequencialmente. Por esse motivo há a necessidade de tomar notas, para que o intérprete consiga reverbificar o discurso.

Outra diferença dessas duas modalidades é a forma que a língua é trabalhada. Em simultânea, dois idiomas são processados quase ao mesmo tempo, já que existe um atraso inicial para começar a interpretar e depois os idiomas correm em paralelo, sempre com certa diferença de tempo (*décalage*); desta forma, o intérprete precisa focar no momento da produção do discurso na língua-alvo, para evitar confundir os idiomas e para a língua de origem não interferir na transmissão da mensagem. Por exemplo, ao sofrer interferência de uma língua na outra, o intérprete pode cometer equívocos como falar algum termo ou número na língua de origem e até mesmo confundir as regras gramaticais da língua-alvo e de origem. Entretanto, na consecutiva, dependendo da língua em que as notas são tomadas, a probabilidade de interferência é praticamente nula, então o intérprete não precisa tomar o mesmo cuidado como na simultânea. (GILE, 2001)

Além dessas duas modalidades, há também a interpretação intermitente e a sua variação como a interpretação sussurrada. Segundo Pagura (2003), a interpretação intermitente é a tradução de trechos curtos de informações, como se fosse feita a interpretação de frase por frase. O que difere a interpretação intermitente da interpretação consecutiva é o tempo que o intérprete espera para interromper o discurso do orador para começar a interpretar. Outra diferença entre a interpretação consecutiva é que essa modalidade não é usada em conferências. Mas, é na interpretação consecutiva, a qual será definida seguir, onde é utilizada a técnica de tomada de notas.

De acordo com Pagura (2010), a época de ouro dessa modalidade foi na Liga das Nações, a qual era composta por uma Assembléia realizada pelo Conselho de membros que se reuniam anualmente e pela Secretaria, a qual os intérpretes estavam ligados. É nessa época que surge o trabalho do intérprete ligado às organizações internacionais e às diversas conferências internacionais.

Com o passar dos anos, a interpretação simultânea ganhou mais espaço nas conferências, devido à possibilidade de trabalhar com mais de dois idiomas. Por isso, atualmente, a interpretação consecutiva acontece, na maioria das vezes, em eventos menores.

Além de ser uma interpretação que divide o discurso do expositor em blocos de informações, para Baigorri (1999 e 2000) apud Pagura (2010), a interpretação consecutiva pode ser “longa” ou “curta”. Na primeira, o intérprete ouve um discurso

completo, toma notas e em seguida interpreta-o para a língua alvo; na segunda, o intérprete interpreta trechos pequenos de informação, na maioria das vezes, sem tomar notas. O tipo de interpretação consecutiva é estabelecido entre o intérprete e o cliente antes do evento, levando em consideração a complexidade do tema, o palestrante e o objetivo da interpretação.

Sendo assim, nota-se que na interpretação consecutiva “longa”, a tomada de notas é essencial para auxiliar a memória do intérprete, uma vez que as anotações aliviam a carga de memória do profissional, proporcionando, assim um melhor desempenho em sua atuação. Dados como números e nomes próprios são importantes anotar, principalmente na interpretação consecutiva “longa”, pois eles podem ser facilmente esquecidos pelo intérprete na reformulação da mensagem.

3 A PRÁTICA DE TOMADA DE NOTAS

A prática de tomada de notas faz parte do processo da interpretação consecutiva, pois na interpretação simultânea o intérprete a utiliza ocasionalmente, apenas quando ele precisa anotar números, nomes ou algum termo para o seu concabino. Como o intérprete consecutivo não tem tempo para escrever toda a fala do orador, ele precisa utilizar algumas práticas que tornam sua tomada de notas mais rápida e eficiente.

Na interpretação consecutiva, durante o Esforço de Escuta, o intérprete tem que decidir quais serão as suas anotações e como ele as fará, então ele tem que focar no seu próprio processo de escrita (Esforço de Produção de Notas). No entanto, o intérprete tem que ter cuidado ao concentrar sua atenção nesse esforço, pois ele pode deixar de ouvir o que está sendo dito pelo orador e, conseqüentemente, ele pode perder informações do discurso. Para isso, é necessário um know-how específico que não é encontrado na interpretação simultânea. Ao iniciar o processo de tomada de notas, a lentidão da escrita no momento em que a informação é ouvida, submete a memória a um trabalho de alta pressão, o que não ocorre na simultânea. Desta maneira, lidar com essa carga de alta tensão requer estratégias específicas de know-how. (GILE, 2001)

Diversos autores defendem diferentes formas e particularidades de anotações na interpretação consecutiva. Por exemplo, para Herbert (1952) as anotações na

interpretação são: criações individuais de símbolos; a anotação deve ser feita na língua alvo, a letra deve ser legível; o intérprete deve ser ágil ao anotar; o conteúdo deve ser compreensível; e não se deve criar símbolos na hora da interpretação. (HERBERT, 1952)

Rozan (1956), também enfatiza o princípio da individualidade da anotação; e defende os sete princípios da prática de anotação: anotar a idéia e não a palavra; as regras de abreviação; ligação; negação; ênfase; verticalidade; deslocação. (ROZAN, 1956)

Partindo da mesma consideração de Herbert (1952), Seleskovitch (1988) também defende que a anotação é individual e deve ser feita na língua-alvo. Ela considera que as anotações feitas durante a interpretação consecutiva são apenas para aquele momento, ou seja, elas não são compreensíveis depois do evento; por fim, Seleskovitch (1988) defende a desverbalização do sentido ao anotar, o qual ela explica em seu livro “O processo de interpretação” com Lederer (1989) o qual também será revisado neste artigo. (SELESKOVITCH, 1988)

Matyssek (1989), também enfatiza a individualidade da anotação; considera uma das técnicas a listagem de uma variedade de símbolos; e defende o desenvolvimento de um idioma mudo para a anotação. (MATYSSEK, 1989)

Nota-se que não há uma técnica específica a ser usada pelo intérprete, ele pode escolher dentre as diversas sugestões dos autores, qual será sua melhor estratégia para realizar a anotação.

3.1 ESTRATÉGIAS ESPECÍFICAS PARA A TOMADA DE NOTAS

A tomada de notas trata-se de uma técnica personalizada, como podemos notar no ANEXO A e B, desta forma não existe exatamente uma teoria, apenas existem sugestões para que os intérpretes pratiquem e encontrem sua própria técnica de anotação.

Rozan (1956) defende o uso dos “Sete Princípios” para a técnica de anotação: anotar a ideia e não a palavra; abreviação; ligações; negação; adicionar ênfases; verticalidade e deslocação.

Segundo Rozan (2002), em relação ao primeiro princípio (anotar a ideia e não a palavra), é através da análise e anotações das ideias que o intérprete evitará erros

ao transmitir a sua mensagem. Para exemplificar esse primeiro princípio o autor utiliza a seguinte frase em francês: “Il y a des fortes chances pour que...”/ “There is a very good chance”, para dizer que se o intérprete fosse anotar a palavra, ele anotaria *chance* e a probabilidade de cometer um equívoco durante a interpretação seria grande, pois o intérprete poderia confundir *chance* com “há uma chance de” ou então “por acaso”. No entanto, se o intérprete anotasse a ideia, a palavra seria *probable*, no português “provável” e o erro não aconteceria. (ROZAN, 2002. p. 15 e 16). Desta maneira, enquanto o intérprete faz suas anotações ele precisa se concentrar na ideia e como irá anotá-la de forma clara para que ele possa expressá-la na língua alvo sem problemas.

A regra da abreviação (segundo princípio) consiste em que o intérprete deve anotar a palavra abreviada, ao menos que uma palavra seja curta. Por exemplo, ao tomar nota da palavra “specialized” é melhor escrever *sp^{ed}* do que *spec*. Ao abreviar uma palavra, sendo um símbolo ou uma contração, a indicação de gênero e tempo gramatical auxilia na compreensão do intérprete sobre sua anotação: “I will speak” – *I^{ll}*. A última recorrência de abreviação para Rozan é abreviar uma expressão longa por apenas uma palavra correspondente: “which have contribute to” – *help*. (ROZAN, 2002. p. 16 e 17)

O uso de ligações, em inglês *links* (terceiro princípio) ocorre para anotar uma sequência de idéias importantes e difíceis. O intérprete não pode se esquecer de fazer as ligações necessárias durante a sua tomada de nota, uma vez que a falta deles pode confundi-lo. Desta maneira, as ligações podem ser escritas por inteiro e as ideias que as seguem podem ser resumidas. Rozan explica que uma mesma ligação, um mesmo conectivo pode ter vários correspondentes, como por exemplo, “as, why” podem ser equivalente a “and that is because”, “this is the reason why”, “since”, “given the fact that”, etc. (ROZAN, 2002. p. 18)

O princípio seguinte é a negação. De acordo com Rozan (2002), a negação deveria sempre ser anotada com um risco no meio da palavra ou do símbolo, por exemplo, ao se referir a um acordo que não foi feito a palavra seria anotada “~~acorde~~”. Outra maneira é escrever a palavra *no* antes da palavra que se quer negar, por exemplo, “no acordo”. E para o princípio da ênfase, Rozan indica sublinhar a palavra anotada, e em caso de ser um superlativo o intérprete pode sublinhar duas

vezes, por exemplo: “O assunto é importante” – imp^{ant} ; “O assunto é muito importante” - imp^{ant} ; “O assunto é de extrema importância” - imp^{ant} .

Tanto a verticalidade quando a deslocação, em inglês *shift* são os principais princípios para Rozan. A verticalidade ocorre quando o intérprete anota de cima para baixo ao invés de anotar da esquerda para a direita, com isso é possível entender as anotações de forma mais clara. Duas formas possíveis de realizar esse método são: empilhamento e o uso de parênteses. O primeiro consiste em colocar palavras essenciais do texto em cima e embaixo uma da outra. Por exemplo:

“as eleições nos Estados Unidos”

Eções

EUA

A segunda forma é o utilizar os parênteses na palavra anotada embaixo do elemento principal a qual ela se refere:

“Pesquisadores analisaram outros 74 estudos”

74

(Est^{dos})

A deslocação trata-se de uma tomada de notas na diagonal. Os elementos devem ser anotados abaixo e para a direita do termo anterior. Exemplo:

“A situação econômica do Brasil está sendo discutida por especialistas”

Ec.Bra

discutida

por especialistas

Além dos sete princípios exemplificados anteriormente, Rozan (2002) defende o uso de 20 símbolos para a tomada de notas na interpretação consecutiva.

No entanto, o uso de muitos símbolos pode atrapalhar o intérprete consecutivo ao invés de ajudá-lo, já que ele terá que focar em decifrá-los e o foco do esforço da reformulação está em analisar e dar sentido para as anotações.

De acordo com Rozan (2002), só há duas coisas a fazer ao anotar: a primeira é que as notas devem fazer o intérprete lembrar de relance todas as ideias de um determinado trecho de um discurso e a ligação entre elas; e a segunda é facilitar para que a interpretação seja fluente.

Para o autor os símbolos devem ser limitados e ser usados apenas em estágios de razão e pensamento. Por exemplo, ele separa três principais grupos de

símbolos para a tomada de notas: os símbolos de expressão; os símbolos de movimento e os símbolos de correspondência.

Entretanto, ele afirma que dos 20 símbolos apenas 10 (:, “, ; OK, →, ↑, ↓, =, ≠) são essenciais para a tomada de nota.

Partindo do grupo dos símbolos de expressão, encontra-se quatro formas principais de expressão são: pensamento, fala, discussão e aprovação. O símbolo de pensamento [:] pode ser anotado sempre que houver palavras que expressam pensamentos como acreditar, achar e pensar. Exemplo:

“... as pessoas acreditam que...”

Pessoas :

Já o símbolo de fala [“] expressa alguma ideia, opinião ou parte do discurso de alguém:

“Diversos países comentaram sobre as eleições do Brasil.” *Países “_____*

Eleiç Br

O símbolo da discussão [] representa contestações ou debates:

“Novas propostas estão sendo discutidas.”

Prop^{tas} .

O último símbolo desse grupo, o símbolo da aprovação [OK] demonstra um acordo ou uma ideia aprovada:

“A empresa concordou com o aumento salarial dos funcionários.”

Empr OK

↑\$

Em seguida, Rozan (2002) fala sobre os símbolos de movimentos que são simbolizados por três principais formas: seta indicando direção ou transferência [→]; Por exemplo:

“... enviaram ajuda às Províncias do Norte.”

ajuda → Prov. N

Seta indicando aumento [↑], de acordo com Rozan (2002, p. 29):

“↑ preços = inflação”

E a seta indicando diminuição [↓], segundo Rozan (2002, p.29):

“↓ preços = redução dos preços”

Por fim, Rozan (2002) apresenta os símbolos de correspondência (relação, igualdade e diferença). O símbolo de relação [/] mostra a correlação, a consequência ou a causa de algo:

“... enchentes foram causadas pelas fortes chuvas”

Ench^{entes} / chuva

Já o símbolo de igualdade [=] simboliza a equivalência dos fatos:

“O Programa Esportivo é para jovens de 12 a 16 anos”

Prog Esp = 12 a 16

E por último, o símbolo de diferença [≠]:

“Os partidos têm diferentes opiniões”

Part^{dos} ≠ opiniões

Seleskovitch (1988) desenvolveu os princípios de Rozan (1956) para dez princípios que tem como proposta o foco em ideias; ligações; termos transcodificáveis; números; nomes próprios; termos técnicos; listas; a primeira sentença de cada nova ideia; última frase e o uso de uma palavra ou expressão que se destaca. (ORLANDO, 2010)

A autora acrescenta nos princípios a importância de anotar os nomes próprios, números e termos técnicos para aliviar a memória. Ela também acredita que seja importante anotar a primeira sentença de cada nova ideia para facilitar a ligação de um conjunto de ideias para o outro. Assim como anotar a última frase e a palavra ou expressão que se destacam durante o discurso do orador.

De acordo com Seleskovitch e Lederer, “O propósito da interpretação é apreender o que foi expresso em uma língua e transportar essa mesma realidade, ou sentido, de modo fidedigno em outra língua.” (Seleskovitch & Lederer, 1989, p. 21 apud FREIRE, 2009, p. 154). Essa definição caracteriza a desverbalização, a qual é o foco principal da teoria de Danica Seleskovitch. Portanto, ao receber a mensagem e compreender o que foi dito o intérprete interpreta o texto antes de reformulá-lo para transmitir ao público. É nesse momento que ele se utiliza da desverbalização, ou seja, ele é livre para focar no significado das palavras ditas e transmiti-las na língua alvo, sem se prender na estrutura e palavras ditas pelo orador no texto original.

Já Matyssek (1989), divide a sua teoria em três fases: ouvir e entender; assimilar e armazenar e transmitir na língua alvo. Na primeira, o autor fala que o que auxilia a análise significativa na compreensão do que foi dito é o conhecimento prévio, o conhecimento do idioma, da terminologia e também do orador. Na segunda, a fase de assimilação é classificar o que é ouvido de acordo com o que já se sabe e decidir o que será anotado. Em seguida, ocorre o armazenamento da palavra, e nesse processo o autor considera que de 60 a 80% do conteúdo deve ser guardado na memória e de 20 a 40% deve ser usado na anotação. Já na fase de transmitir o conteúdo na língua alvo, o autor defende que o intérprete tem que ser fiel, mas evitar interpretar palavra por palavra do texto original, o discurso deve ser

ajustado ao público e o intérprete deve olhar para o público enquanto ele fala ao invés de ficar lendo as anotações.

Ao analisar os anexos A e B, confirma-se que o *note-taking* trata-se de uma técnica personalizada. No anexo A, nota-se que a intérprete Raquel Schaitza usa de ligações, símbolos, anotação de números e palavras importantes, ou seja, ela segue alguns dos princípios (ligações e símbolos) de Rozan (2002), outros (números e palavras de destaque) de Seleskovitch (1988), como também se utiliza da desverbalização do texto original, teoria defendida por Seleskovitch & Lederer (1989).

Comparando com as anotações da intérprete Melissa Mann (anexo B), nota-se que a mesma não só se utiliza igualmente de ligações e números, mas também de negação e ênfase, segundo os princípios de Rozan (2002). Percebe-se, também, que a intérprete mistura a língua alvo (inglês) e a língua de origem (português) durante as suas anotações. Apesar de anotar mais palavras do que a intérprete Raquel Schaitza, Melissa Mann não anota palavra por palavra do texto original, como defende Matyssek (1989).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A profissão de intérprete tem ganhado um espaço significativo no Brasil, por isso a busca por graduação ou especialização na área é cada vez maior. No entanto, o intérprete que se interessa pela área de pesquisa encontra certa dificuldade ao fazer o levantamento bibliográfico, dependendo do assunto. Como é o exemplo do tema desse artigo. As técnicas de anotações da interpretação consecutiva (*note-taking*) é um assunto pouco abordado nas literaturas em geral, porém, na literatura brasileira ele é escasso.

Devido a isso, o presente artigo teve como objetivo introduzir o tema na literatura brasileira, com o objetivo de ser fonte de pesquisa e opção de leitura para os que têm interesse na área.

Além disso, o artigo mostra a importância da tomada de notas na interpretação consecutiva, com o objetivo de aliviar a memória do intérprete. Conclui-se que não há uma maneira correta de anotar, como também não há a melhor teoria a seguir. O intérprete pode se utilizar de todas as teorias

apresentadas, no entanto, ele pode desenvolver seus próprios símbolos e maneiras de tomar nota.

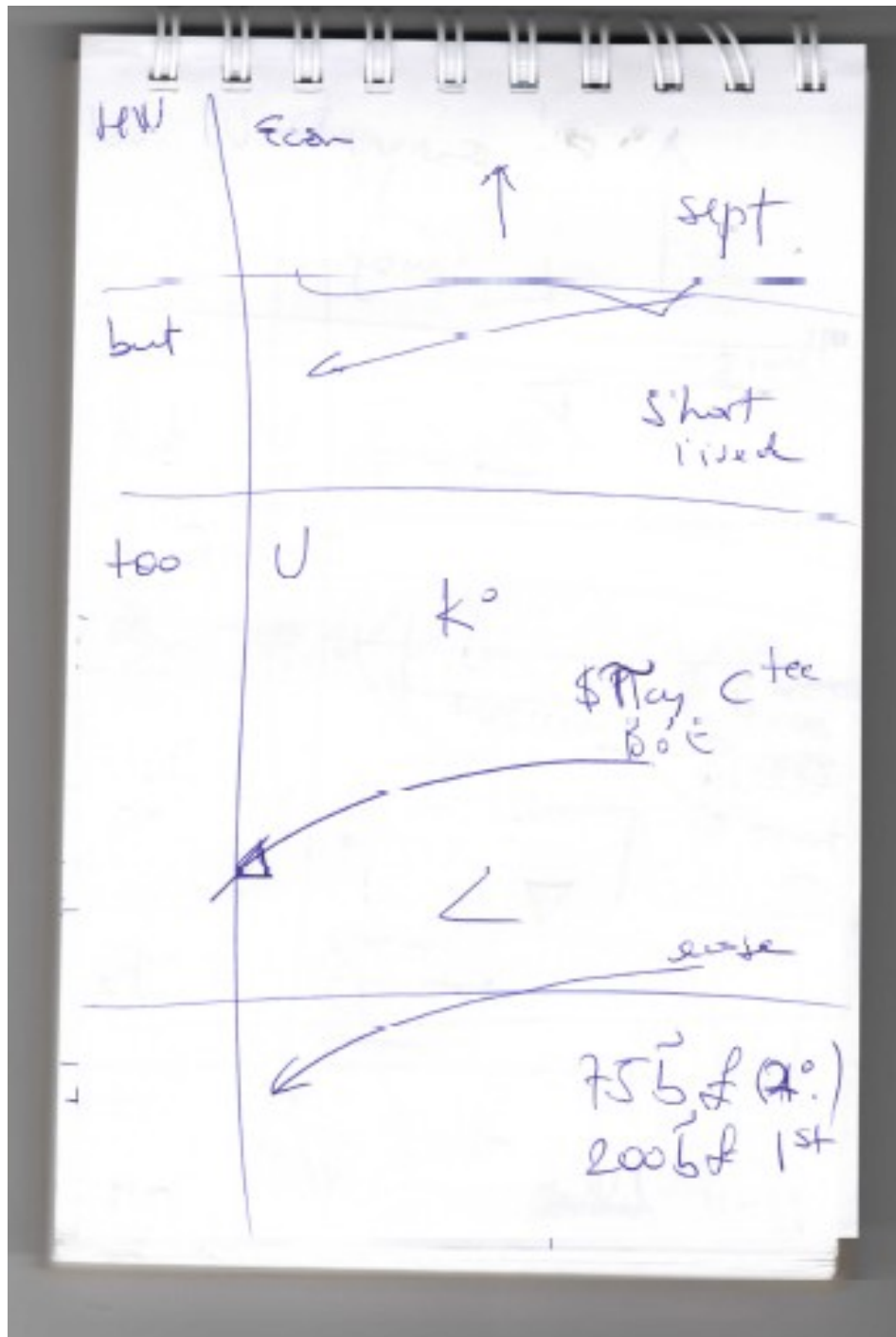
A partir desse artigo, sugere-se que na disciplina de interpretação consecutiva foque-se mais nas técnicas de tomadas de notas, uma vez que estas são de grande auxílio para o intérprete.

Por fim, sugere-se, também, que sejam feitas mais pesquisas nessa área, como por exemplo, estudar o funcionamento do cérebro do intérprete durante a tomada de notas ou estudar se há alguma maior vantagem de tempo ou de compreensão em anotar na língua-alvo ou na língua de origem, entre outras possíveis pesquisas.

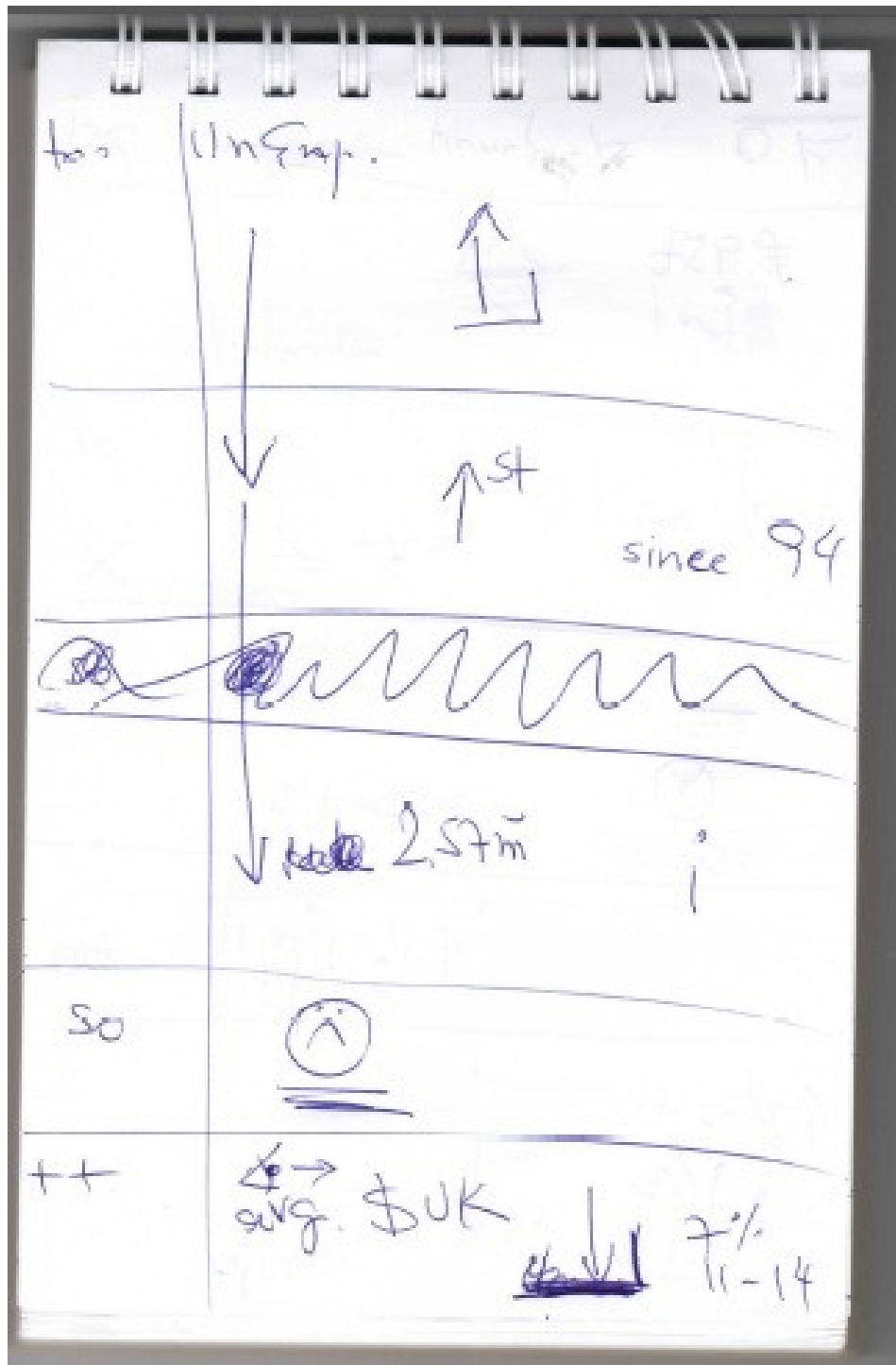
É preciso que se incentive a elaboração de mais trabalhos científicos na área de interpretação, para ampliar o acervo de fontes de pesquisa e auxiliar o intérprete a desenvolver seu trabalho com mais eficácia.

ANEXO A

Note-taking feito pela intérprete Raquel Schaitza durante o curso “Note-taking for consecutive interpreting: strategies, tips and tricks”, realizado no Brasil, em 2014 e ministrado pela intérprete europeia de conferência Hellen Campbell. O assunto da palestra, da qual as anotações foram feitas, era sobre a economia do Reino Unido.

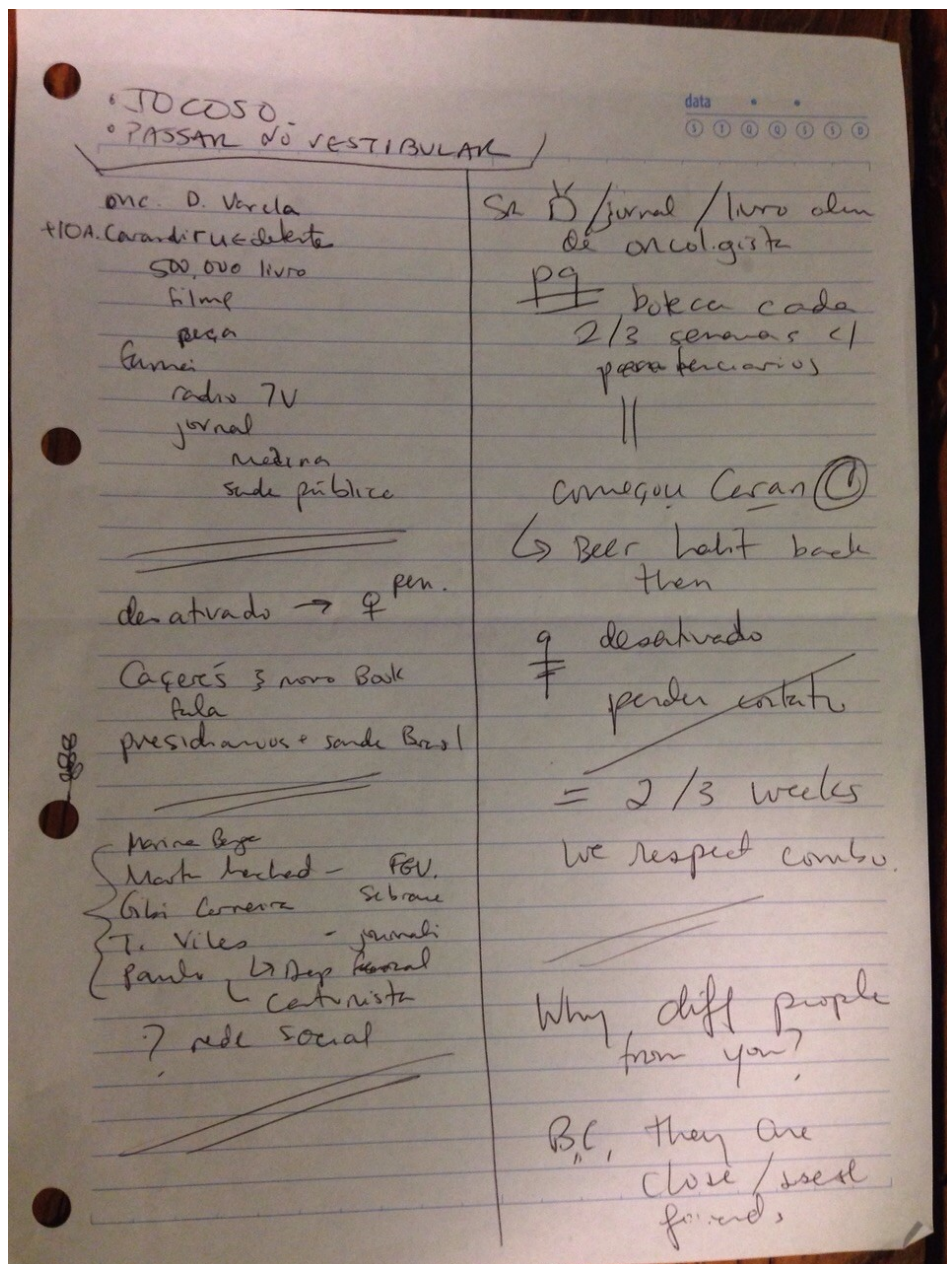






ANEXO B

Note-taking feito pela intérprete Melissa Mann, durante um exercício de interpretação consecutiva realizado em uma aula do curso de Interpretação de Conferências em Inglês da Universidade Estácio de Sá. A tomada de notas foi feita a partir de um vídeo do médico Drauzio Varella, em sua participação no programa Roda Viva para falar de seu livro "Carcereiros".



Cada impregnação
 pt contar detalhes
 tem que vir
 no verso

dificil falar /
 quer a coracao

tema esq. write
 / mtos fora

→ Contas
 praticas
 salda

? Did you want
 2 write about
 them

As N. N guerra
 polemica sobre
 sistar penitencia

ja 7 anos

↳ 50 yrs. late
 nets lee how
 was jan face then

date . . .
 1 1 2 2 3 3 4
 BUT I decided 2
 write after a very
 interesting story
 (had night)

Sociedade tem
 pessima impressao
 - badidos -

BUT people take
 care of incase.

↓
 praticas generosas
 pro comuns.
 menos ortodoxos.

NOTE-TAKING TECHNIQUES IN CONSECUTIVE INTERPRETING

ABSTRACT

This article is based on a literature review about note-taking techniques in consecutive interpreting, which are matters of some articles and books in other languages. However, the literature in this area is scarce in Portuguese. Therefore, this paper aims to show the importance of note-taking in consecutive interpreting and introduce the topic in Brazilian literature, in order to be a source of research for professionals in this area.

Keywords: interpreting techniques, note-taking, consecutive interpreting.

REFERÊNCIAS

ADHOC ÜBERSETZUNGSBÜRO. **A history of interpreting**. Disponível em: < <http://www.adhoc.at/en/interpreters/a-history-of-interpreting.html> > Acesso em: 29 de abril 2014.

BECKER, L. **Konsequitvdolmetschen: von der Notizentechnik zum Notizentext Proseminar: Einführung in die Dolmetschwissenschaft**. 2008.

FREIRE, E. L. **Teoria Interpretativa da Tradução e Teoria dos Modelos dos Esforços na Interpretação: proposições fundamentais e inter-relações**. Cadernos de Tradução, v.2, n.22, 2009. p. 151.

GILE, D. **The Effort Models in Interpretation**. In: Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1995. p. 159-190.

GILE, D. **The Role of Consecutive in Interpreter Training: A Cognitive View**. AIIC. 2001. Disponível em: <<http://aiic.net/page/377/the-role-of-consecutive-in-interpretation-training-a-cognitive-view/lang/1>>. Acesso em: 14 de ago. 2014.

HERBERT, J. **Handbuch für den Dolmetscher**. Librairie de l'Université: Genf, 1952.
LEDERER, M & SELESKOVITCH, D. **"The Interpretation Process"**. In: A Systematic Approach to Teaching Interpretation. Paris: European Communities, 1989. p. 21-26.

MATYSSEK, H. **Handbuch der Notizentechnik für Dolmetscher**. 1989.

MOGGIO-ORTIS, E. **“Interpreters Meet History”** in UN Special (№ 678, November 2008), versão eletrônica disponível em <<http://www.unspecial.org/UNS678/t21.html>> Acesso em 29 de abril de 2014.

ORLANDO, M. **“Interpreting Eloquence: when words matter as much as ideas”**. AIIC. 2010. Disponível em: <<http://aiic.net/page/6484/interpreting-training-and-digital-pen-technology/lang/1>>. Acesso em: 08 de out. de 2014.

PAGURA, R. **A Interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros**. 231 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2010.

PAGURA, R. J. **A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores**. São Paulo. 2003. Disponível em: <<http://j.mp/hAuK3M>>. Acesso em: 09 out. 2014.

ROZAN, J.F. **La prise de notes en interprétation consécutive** Librairie de l'Université: Genf, 1956.

ROZAN, J.F. **Note-taking in consecutive interpreting / Jean-François Rozan**. Edited by Andrew Gillies and Bartosz Waliczek. Krakow : Tertium, 2002.

SELESKOVITCH, D. **Der Konferenzdolmetscher Sprache und Kommunikation**. Julius Groos Verlag Heidelberg, 1988.